

Sem ônibus para ir à escola

Marcello Xavier
Da equipe do Correio

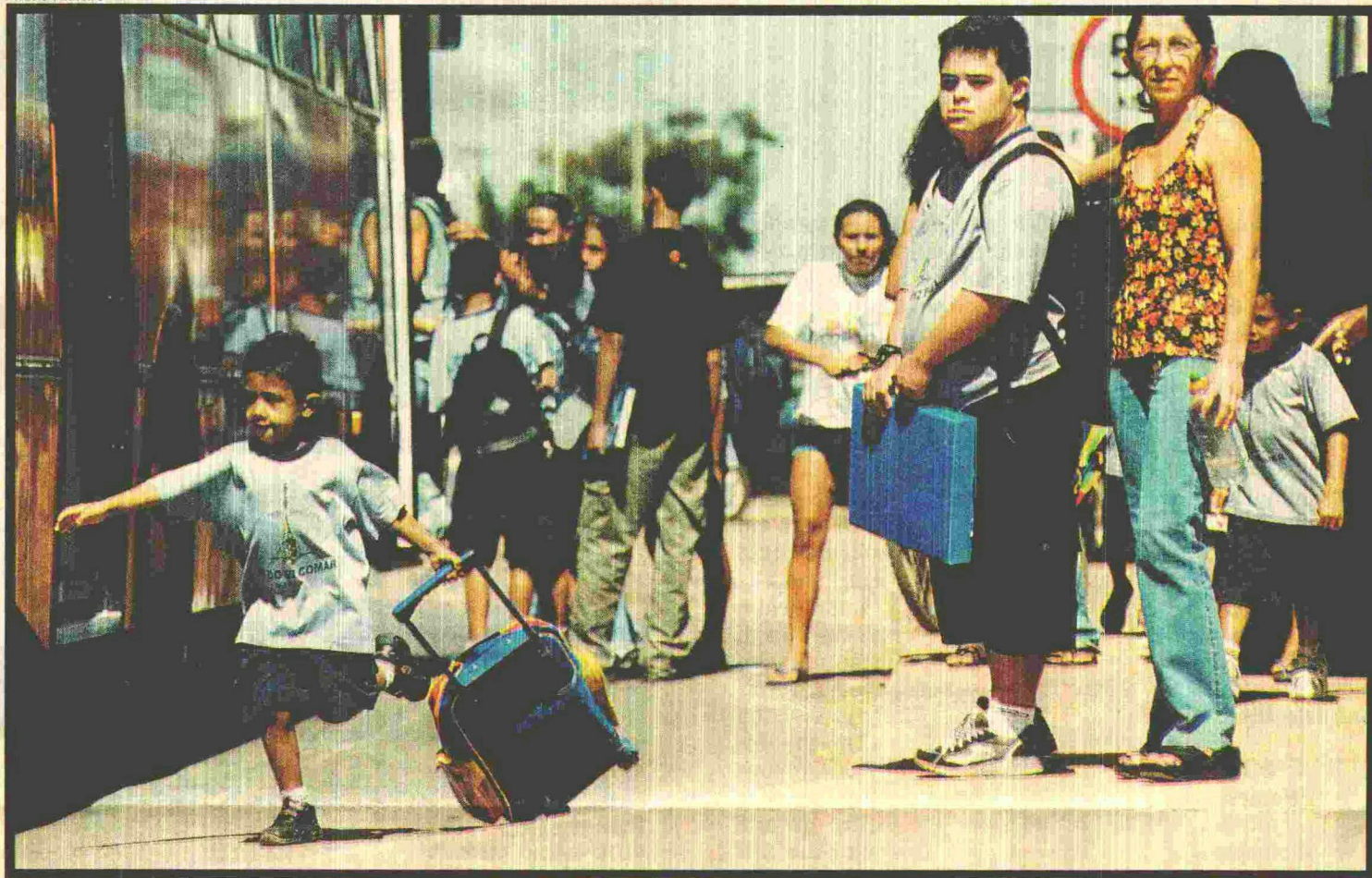
Banho tomado, uniforme impecável, o estudante Bruno Rogério dos Santos Silva, 17 anos, saiu de casa, na quadra 20 do Paranoá, e caminhou 15 minutos até a parada de ônibus na avenida central da cidade. Pontualmente, às 13h, estava no ponto onde pega o transporte que o leva para o Centro Integrado de Ensino Especial (CIEE), na 912 Sul. Aquele dia era especial: o primeiro do segundo semestre letivo. Mas o coletivo não apareceu, para a decepção do garoto. Nem há previsão de quando voltará.

O transporte que atende portadores de necessidades especiais da rede pública e de entidades para deficientes está suspenso desde a última segunda-feira. Diariamente, ele passava pelas cidades do Distrito Federal recolhendo cerca de 700 crianças, adolescentes e adultos para levá-los à escola. Os ônibus são fornecidos por companhias do Sistema de Transporte Público Coletivo, e é fruto de um acordo com o Governo do DF.

O secretário-adjunto de Transportes, Januário Êlcio, afirma que só tomou conhecimento do problema por meio da imprensa, ontem. Ele garante que a suspensão é uma decisão unilateral das empresas, que agora querem receber subsídios para oferecer o serviço - que funciona como um trabalho social prestado pelos operadores do sistema.

Segundo Januário, o Departamento Metropolitano de Transportes Urbanos (DMTU) vai determinar às em-

Acácio Pinheiro



BRUNO (D) ESPERAVA ANSIOSO PELA VOLTA ÀS AULAS. PONTUALMENTE, ESTAVA NO PONTO DE ÔNIBUS, MAS O TRANSPORTE NÃO VEIO: FRUSTRAÇÃO

presas que retomem o serviço. Elas até podem ser multadas, caso se recusem a retomar o atendimento, de acordo com Januário.

Pais dos alunos se reúnem hoje nas escolas para discutir que medidas tomar. Empresas que atendem a maioria das linhas não retornaram as ligações do Correio. O presidente do Sindicato das Empresas de Transporte Coletivo, Wagner Canhedo Filho, também não.

Sem notícias dos ônibus, os pais congestionam os telefones

das escolas. "Eles não param de ligar e nós não sabemos o que falar", diz a diretora do CIEE, Iara dos Santos Miranda. Ela afirma que nem mesmo a escola foi avisada da suspensão do serviço. "Só descobrimos porque simplesmente o ônibus não chegou com os alunos." A diretora está preocupada com o aprendizado dos estudantes.

Portador da síndrome de Down, Bruno agora passa horas em frente à televisão ou debruçado sobre uma mesa, desenhando. "Ele está muito triste. Toda hora pergunta quando vai para a escola", conta a mãe, Edileuza

dos Santos, 39 anos. A dona-de-casa diz que é muito complicado levar o filho em ônibus de linha convencional. "Os motoristas não têm o mesmo cuidado que o José (condutor que atende o Paranoá). Ele trabalha com deficientes há 15 anos", compara.

A dona-de-casa Constância Edviges da Silva, 49, vive drama semelhante. Quatro pessoas que moram com ela, no Paranoá, dependem do transporte especial. São dois sobrinhos, um irmão e um filho adotivo. Todos estudam no Plano Piloto. "Não temos condições de mandá-los por conta própria."

PISCINAS INTERDITADAS

As piscinas do Centro de Ensino Especial 1 de Samambaia continuam interditadas. Aproximadamente 300 alunos portadores de necessidades especiais estão impedidos de fazer hidroterapia. Sem a terapia aquática, o desenvolvimento dos estudantes fica prejudicado. As duas piscinas estão fechadas por falta de manutenção desde o início do ano. Técnicos da Secretaria de Educação fizeram uma vistoria na semana passada, mas nenhuma providência foi tomada. "Aguardo o laudo da vistoria para decidir o que fazer", informa o gerente da Gerência de Engenharia da secretaria, Ronaldo Borges Coelho.